

**Bárbara Andrade Marra
Aline Domingues Morais**

**INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA:
Alçamento de vogais pretônicas e postônicas.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Minas Gerais - Faculdade de Medicina, para
conclusão do Curso de Graduação em
Fonoaudiologia.**

**Belo Horizonte
2009**

**Bárbara Andrade Marra
Aline Domingues Morais**

**INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA:
Alçamento de vogais pretônicas e postônicas.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Minas Gerais - Faculdade de Medicina, para
conclusão do Curso de Graduação em
Fonoaudiologia.**

Orientadora: Doutora Erika Parlato-Oliveira

Co-orientadora: Doutora Thaís Cristófaró Silva

Belo Horizonte

2009

Marra, Bárbara Andrade; Morais, Aline Domingues.

INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA: ALÇAMENTO DE VOGAIS PRETÔNICAS E POSTÔNICAS/Bárbara Andrade Marra; Aline Domingues Morais. —Belo Horizonte, 2009.

Xiii, 48 f.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Curso de Fonoaudiologia.

Título em Inglês: The influence of speech on writting: raising of final and pretonic vowels.

1. Linguagem 2. Linguagem Infantil 3. Aprendizagem 4. Lingüística
5. Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Chefe do Departamento: Prof.^a Andrea Rodrigues Motta
Coordenadora do Curso de Graduação: Prof.^a Letícia Caldas

Bárbara Andrade Marra
Aline Domingues Morais

INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA:
Alçamento de vogais pretônicas e postônicas.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Erika Maria Parlato de Oliveira
Fga.Dra. Izabel Miranda

Aprovada em 01/07/09

Dedicatória

Dedicamos aos nossos pais. Essa conquista só foi possível pelo amor e dedicação incondicionais!

Agradecimentos

Agradeço à deus por me permitir mais essa conquista.

Aos meus pais, pelo incentivo e por acreditarem sempre que sou capaz.

Aos meus irmãos, elisa e henrique por estarem sempre comigo.

À professora erika parlato pelo apoio e por compartilhar seu conhecimento.

À professora thaïs cristófarro por nos ceder o banco de dados e por nos auxiliar tantas vezes.

À minha amiga aline por caminharmos juntas nessa jornada, me dando forças quando faltavam.

Às amigas regilaine e naiara pelos conselhos e palavras de incentivo.

Ao léo, namorado precioso, pelos momentos de descanso e de alívio e por estar sempre presente quando precisei.

À todos o meu muito obrigado!

Bárbara Marra

Agradeço aos meus pais pelo apoio e dedicação.

Agradeço a minha irmã Luisa por poder sempre contar com seus conselhos.

Agradeço ao Paulo pela presença, amizade e paciência.

Agradeço aos meus familiares por entender minha ausência e pela torcida.

Agradeço a Bárbara pelo companheirismo e amizade, que com certeza favoreceram para que tudo fosse realizado.

Agradeço a Érika Parlato e Thais Cristófaru pelo aprendizado e orientação.

Agradeço a Deus pela força e luz fornecida para a realização deste trabalho.

Aline Morais

Sumário

Dedicatória.....	v
Agradecimentos	vi
Lista de gráficos.....	ix
Lista de tabelas e quadros.....	x
Resumo.....	xi
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos.....	2
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	3
2.1 Aquisição da Escrita.....	4
2.2 Interferência da oralidade no processo de aquisição da escrita.....	6
2.3 O alçamento: conceito e justificativa	7
2.4 Principais erros encontrados.....	9
3 METODOLOGIA.....	13
3.1 Apresentação do Elabore.....	13
3.2 Coleta de dados.....	15
3.3 Método de análise dos dados.....	16
4 RESULTADOS.....	18
5 DISCUSSÃO.....	23
6 CONCLUSÃO.....	25
7 ANEXOS.....	26
8 REFERÊNCIAS.....	30
Abstract	34

Lista de Figuras

Figura 1- Comparação entre os valores de total de alçamentos pretônicos entre escolas públicas e particulares.....	19
Figura 2- Comparação entre os valores de total de alçamentos <i>postônicos</i> entre escolas públicas e particulares.....	19
Figura 3- Comparação do número total de ocorrência de alçamento entre escolas públicas e privadas.....	20
Figura 4- Comparação do número total de ocorrência de alçamento entre o 2º e o 5º ano de escola pública.....	20
Figura 5 - Comparação do número total de ocorrência de alçamento entre o 2º e o 5º ano de escola de financiamento privado.....	21
Figura 6 - Comparação do número total de ocorrência de alçamento entre o 2º ano de escola de financiamento público e o 2º ano de escola de financiamento privado.....	21
Figura 7 - Comparação do número total de ocorrência de alçamento entre o 5º ano de escola de financiamento público e a mesma série de escola de financiamento privado.....	22

Lista de tabelas

Tabela 1 - Distribuição da amostra quanto aos alçamentos pretônicos e postônicos – escola de financiamento público..... 18

Tabela 2 - Distribuição da amostra quanto aos alçamentos pretônicos e postônicos – escola de financiamento privado..... 18

Resumo

Introdução Na Clínica Fonoaudiológica observa-se que testes padronizados de análise da fala e da escrita não consideram regionalismos presentes na fala das crianças (como o fenômeno de alçamento de vogais presentes no dialeto belo horizontino), levando a resultados falso positivos. Assim, compreendendo a importância do processo de alfabetização e as possíveis dificuldades encontradas durante o mesmo, este trabalho foi elaborado a fim de investigar a interferência da oralidade na escrita. **Objetivo** Investigar a influência da oralidade na escrita. **Metodologia** Foram analisadas 120 redações, sendo que 60 produções são de escolas de financiamento público e 60 produções são de escolas de financiamento particular. Após a leitura e análise das produções realizadas foi verificada a ocorrência de alçamento de vogais nas produções. As palavras em que o alçamento de vogais esteve presente em posição pré e/ou postônica foram separadas e agrupadas de acordo com o tipo de alçamento encontrado, com a escola onde foram coletadas as amostras e a com série correspondente. **Conclusão** A partir de nossos achados podemos concluir que o alçamento de vogais é um fenômeno decorrente no processo de alfabetização e que o mesmo tende a ser resolvido pela própria criança. A prática da leitura e escrita e o acesso a informações gráficas possibilitam a maturação e o melhor domínio lingüístico por parte da criança. É importante ressaltar a necessidade de novos estudos que utilizem banco de dados com produções escritas de diferentes regiões do país, que investiguem quantitativamente a transcrição de alçamentos em produções textuais de crianças no processo de alfabetização, pois dessa forma será possível conhecer o que é natural do processo e o que é desvio, para melhor atuação pedagógica ou fonoaudiológica.

1 INTRODUÇÃO

A escrita ortográfica possui como característica o fato de ser arbitrária e não possuir uma relação grafema-fonema exata, dificultando o processo de aprendizagem e sendo responsável muitas vezes pelo insucesso e evasão escolar de alguns estudantes.

O fracasso em alfabetização nas escolas brasileiras vem ocorrendo insistentemente há muitas décadas. Anteriormente ele se revelava em avaliações internas à escola, sempre concentrado na etapa inicial do ensino fundamental, traduzindo-se em altos índices de reprovação, repetência, evasão. Hoje, o fracasso revela-se em avaliações externas à escola, avaliações estaduais (como o SARESP, o SIMAVE) e nacionais (como o SAEB, o ENEM), espalha-se ao longo de todo o ensino fundamental, chegando mesmo ao ensino médio, e se traduz em altos índices de precário ou nulo desempenho em provas de leitura, denunciando grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou semi-alfabetizados depois de quatro, seis, oito anos de escolarização (Soares, 2004).

Dados do Ministério da Educação revelam o abandono escolar nos anos de 2001 a 2007 teve índices de 0,2 a 2,0% nas escolas municipais da cidade de Belo Horizonte, conforme apresentado na tabela 1 (anexo 1).

Além disso, na Clínica Fonoaudiológica observa-se que testes padronizados de análise da fala e da escrita não consideram regionalismos presentes na fala das crianças (como o fenômeno de alçamento de vogais presentes no dialeto belo horizontino), levando a resultados falso positivos. Assim, compreendendo a importância do processo de alfabetização e as possíveis dificuldades encontradas durante o mesmo, este trabalho foi elaborado a fim de investigar a interferência da oralidade na escrita. Conhecendo melhor o problema, será possível otimizar a instrumentalização de recursos na educação e intervenção fonoaudiológica mais eficaz, que favoreçam o ensino.

1.1. OBJETIVOS

GERAL

Investigar a influência da oralidade na escrita. Conhecendo melhor o processo, será possível contribuir para a instrumentalização de recursos humanos na educação.

ESPECÍFICOS

- Verificar se a oralidade interfere na escrita e se essa interferência causa dificuldades enfrentadas pelos alunos no registro ortográfico de vogais pré e postônicas.
- Verificar se os alunos de escolas de financiamento público têm desempenho diferente ao resolver a questão do acento em relação a alunos de escolas de financiamento particular.
- Verificar se a ocorrência de acentos diminui de acordo com o aumento da série.
- Propor uma intervenção fonoaudiológica mais eficaz que corrobore para a melhoria do ensino quando necessária.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Aquisição da escrita

Nesta sessão vamos discutir sobre a importância da escrita na sociedade, os estudos referentes à aquisição da escrita de acordo com a lingüística e a psicologia cognitiva. Além disso, vamos expor algumas considerações em relação ao apoio da escrita na oralidade.

A escrita foi criada pelo homem como um meio de comunicação, ou seja, uma maneira de transmitir a mensagem através do sistema criado e estabelecido pela necessidade e desenvolvimento da sociedade, de acordo com seus valores culturais.

A criação da ortografia fez-se necessária para neutralizar as diferenças regionais, ou seja, estabelecer uma única forma de grafar as palavras. Assim, ao contrário do processo de aquisição da fala, a aquisição da escrita pela criança acontece de forma não natural, pois a mesma consiste na apropriação de conhecimentos convencionados pelo homem de maneira arbitrária. Com isso, a criança deverá aprender um conjunto de símbolos, regras e conceitos previamente estabelecidos que regem o processo da escrita.

A lingüística tem como objetivo de estudo discutir em relação ao ensino da língua materna, com pesquisas voltadas para a estrutura e o funcionamento das línguas naturais. Para Cagliari (1989), *“ler e escrever são atos lingüísticos e, portanto, a compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização”*. A criança antes de iniciar o processo de alfabetização, já traz consigo representações do que seja ler e escrever. Uma vez que essa faz uso do código lingüístico oral, haverá o desenvolvimento da capacidade de analisar a linguagem oral, o que auxiliará no processo de aquisição da escrita.

Oliveira & Nascimento (1990) apresentam uma “taxonomia dos erros mais comuns encontráveis nos textos produzidos por crianças em processo de alfabetização”. Eles também apontam o fenômeno do alçamento das vogais médias presentes na fala em textos escritos pelos alunos como uma fonte de erros na escrita.

Ao ser exposta à alfabetização, a criança formula hipóteses sobre a forma escrita da língua. Lemle (1995) postula três etapas no processo de alfabetização: *“a teoria do*

casamento monogâmico entre letras e sons, a teoria da poligamia com restrições de posição e as partes arbitrárias do sistema". Segundo a autora, essas são as principais hipóteses elaboradas pelo alfabetizando no processo de construção da escrita.

Para Lemle (1995), a conquista dessas duas etapas iniciais e a sua superação, é sinal de que a criança já se encontra alfabetizada (Lemle, 1995).

A terceira hipótese, "as partes arbitrárias do sistema", segundo Lemle (1995), permanece durante toda a vida do alfabetizando. É nesta etapa que a criança percebe que mais de uma letra pode representar um determinado som da fala.

Assim como Lemle (1995), postula as seguintes hipóteses sobre o processo de aquisição da escrita: a primeira diz respeito àqueles momentos em que o escrevente acredita em uma correspondência entre o código oral e escrito; a segunda diz respeito ao momento de produção escrita, em que o escrevente cria hipóteses baseado nos conhecimentos que possui a respeito da escrita institucionalizada; a terceira diz respeito ao modo como o escrevente, no momento de produção escrita, dialoga com textos já lidos ou ouvidos.

No Português a aquisição da ortografia é muito mais lenta que o aprendizado da leitura (Alegria & Mousty, 1996). A ortografia de nossa língua é mais transparente no sentido do grafema para o fonema do que do fonema para o grafema, ou seja, há poucas ocorrências em que o mesmo grafema tem mais de uma realização fonêmica e maior números de fonemas com representações gráficas.

Muitos estudos de diferentes bases teóricas tais como a lingüística e a psicologia cognitiva, têm sido realizados, para elaboração de teorias da aquisição e desenvolvimento da escrita, com o intuito de compreender melhor esses processos. A partir dessas pesquisas, profissionais que atuam diretamente com as dificuldades encontradas na fase de alfabetização, como pedagogos e fonoaudiólogos, poderão auxiliar melhor o desempenho do aluno.

Segundo a teoria da psicologia cognitiva, a leitura parte da informação visual ao som (decodificação), enquanto na escrita os segmentos fonológicos são associados a letras (codificação). De acordo com Braibant (1997), a leitura é uma atividade complexa, composta por múltiplos processos interdependentes, dos quais os fundamentais seriam o reconhecimento de palavras e a compreensão da mensagem escrita.

Cagliari (1997) explica que as crianças são capazes de manipular a linguagem, já que essas compõem novas palavras de acordo com a análise dos processos de formação de palavras existentes.

A primeira hipótese, que representa a fase inicial da aquisição, Cagliari (1999) denomina como acrofonia em que a criança realiza uma relação biunívoca entre os sons da fala e as letras da escrita, ou seja, cada letra do alfabeto corresponderá a um determinado som da língua. A partir da constatação de que não existe uma relação biunívoca entre os sons e as letras, o alfabetizando elaboraria a segunda hipótese que é a “teoria da poligamia com restrições de posição”. É o caso de palavras que possuem o som [u] final e são escritas com a letra (L), por exemplo, *sol*. Também é o caso de palavras com sons [u] e [i] finais e que devem ser grafadas com as letras (e) ou com a letra (o) na posição postônica final como em disse, *telefone, poço e tudo*.

Segundo Abaurre (1999), as crianças, no início do processo de alfabetização, analisam a estrutura interna das sílabas, reorganizando suas representações fonológicas com o objetivo de adequar os constituintes silábicos e suas hierarquias. As palavras diferentes das convenções ortográficas são, muitas vezes, produto dessa análise.

Assim sendo, é possível postular hipóteses sobre os principais erros que as crianças cometem no processo de aquisição da escrita.

Cagliari (1999) discute a fala, a escrita, os erros ortográficos e os métodos pedagógicos utilizados na alfabetização. Segundo o autor, os erros que aparecem na escrita são resultados de uma profunda reflexão do aprendiz a respeito do funcionamento de sua língua e os erros de escrita não são aleatórios, ou seja, “*todos os acertos e erros das crianças trazem por trás de si hipóteses que levaram a criança a tomar determinada decisão e fazer algo de certo modo e não de outro*” (Cagliari, 1999).

Massini e Cagliari (1999) apontam que os textos produzidos por crianças no período inicial de alfabetização devem ser analisados levando-se em consideração a interferência da oralidade na escrita.

Assim sendo, quando uma criança em fase de alfabetização comete erros de escrita como *mininu* para a palavra menino, *tumati* para a palavra tomate, *iscola* para a palavra escola, é razoável pensar que ela está fazendo uma reflexão sobre as regras e funcionamento da própria língua, considerando as possibilidades dentro da escrita

mediadas por sua competência lingüística o que reflete o fenômeno da interferência da oralidade na escrita.

2.2 Interferência da oralidade no processo de aquisição da escrita

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, e, na maioria das vezes, é efetuada explicitamente pelos pais através de instruções verbais durante atividades diárias, assim como através de histórias que expressam valores culturais.

A alfabetização é o primeiro contato que a criança tem com o mundo da escrita. Portanto, essa etapa é essencial para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. *“Embora escrever e ler sejam comportamentos que ultrapassem muito a aprendizagem das relações entre os sons da fala e as letras da escrita, essa aprendizagem é, inegavelmente, o primeiro passo na formação desses comportamentos”* (Alvarenga et. al, 1989).

De acordo com Garton (1992), quanto mais cedo a criança se envolve nas relações sociais, mais benefícios obterá a curto ou longo prazo, tendo em vista as experiências e aprendizagens que resultam de tais interações.

A fala é um modo de expressar a linguagem, de interagir com os seres humanos, de entender e se fazer entendido. E essa habilidade é adquirida naturalmente, com a estimulação e modelo dos pais ou das pessoas que participam do convívio da criança. A escrita também é uma das formas de expressar a linguagem, porém é um processo lento e gradual e ocorre ao longo da vida, sendo necessário o aprendizado e a dedicação do alfabetizando e do alfabetizador.

Cagliari (1992) afirma que os erros são resultados de uma profunda reflexão do aprendiz a respeito do funcionamento de sua língua. Quando a criança erra o registro ortográfico de determinada letra, ela o faz a partir de formas possíveis do seu dialeto e das possibilidades do sistema de escrita.

Para aprender a ler e escrever é necessário que haja associação grafema-fonema, que requer um desenvolvimento da capacidade de análise e síntese dos fonemas.

Quanto mais próxima for a relação existente entre o número de grafemas e o número de fonemas possíveis em uma língua, mais fácil a ortografia será aprendida, já que representa de modo mais fidedigno a composição fonológica em questão.

A escrita ortográfica da língua portuguesa possui como característica o fato de ser arbitrária e não possuir uma relação grafema-fonema exata, o que dificulta o processo de aprendizagem sendo responsável muitas vezes pelo insucesso e evasão escolar de alguns estudantes.

A socialização através da linguagem pode ocorrer também de forma implícita, por meio de participação em interações verbais que têm marcações sutis de papéis e *status* (Ely & Gleason, 1996). Através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura. À medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial - incluindo a visão e audição - se torna mais refinado e ela alcança um nível lingüístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela entra para a escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças.

Santos e Navas (2002) salientam que *“o sistema de escrita, de modos diversos e nem sempre perfeitos, baseiam-se na linguagem oral, fato que tem importantes implicações em como a escrita e a ortografia, sendo processos cognitivos gerais funcionam”*. Pode-se concluir então que muitos dos erros que a criança comete ao adquirir a linguagem escrita podem ser ocasionados pela interferência da oralidade neste processo.

2.3 O que é alçamento e por que estudá-lo?

Alçamento é um fenômeno que ocorre na língua falada em determinados dialetos do português brasileiro. Tal fenômeno é caracterizado pela elevação do traço de altura das vogais médias altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u]. Ele pode acontecer com estas vogais em posição pré e postônica.

Alguns exemplos de ocorrências na sílaba pretônica são palavras como v[e]stido ~ v[i]stido e p[e]rigo ~ p[i]rigo. Na sílaba postônica podem ser encontrados os seguintes exemplos cachorr[o] ~ cachorr[u] e pér[o]la ~ per[u]la. Alguns autores têm discutido o fenômeno do alçamento. Dentre eles gostaríamos de destacar aqui Bisol (1981).

Bisol (1981) estudou o alçamento em quatro dialetos do Rio Grande do Sul. Ele conclui que a elevação das vogais é influenciada por vários fatores das quais a harmonização vocálica em que a vogal média pretônica assimilaria a altura da vogal alta presente na sílaba tônica, ou seja, a vogal média alta [e] presente p[e]r[i]go seria condicionada a ser realizado como a vogal alta [i] devido a influência exercida pela vogal alta [i] presente na sílaba tônica. Assim a palavra perigo tende a ser pronunciada como p[i]r[i]go.

Já Viegas (1987) analisou o alçamento em duas regiões de Belo Horizonte. Segundo a autora, além da harmonização vocálica, o fator semântico também apresentou relevância na implementação da variação sonora, ou seja, palavras que carregam elevado prestígio social seriam resistente à mudança. Como exemplo, podemos citar a palavra *peru* que quando referente ao país latino americano, é pronunciada como P[e]ru. Já quando se refere à ave é pronunciada p[i]ru. Da mesma forma podemos citar a palavra *vestibular*, que apesar de se encontrar no mesmo ambiente fonológico de *vestido*, não sofre o alçamento na vogal pretônica [e] (v[e]stido ~ v[i]stido).

Alvarega et al (1989) estudam a relação de erros ortográficos com o nível socioeconômico, e concluem que crianças que estudam em escola de financiamento público têm desempenho inferior quando comparados com crianças de escolas de financiamento particular.

Já foi discutido, em capítulo anterior, que a criança, no início do processo de alfabetização, cria hipóteses sobre a forma escrita da língua. Segundo Lemle (1995), na primeira dessas hipóteses a criança conclui que há uma relação biunívoca entre os sons e letras.

Tasca (2003) conclui em seus estudos que à medida que os alunos avançam nas séries escolares, tendem a diminuir a ocorrência de alçamentos em suas produções. E analisa também o desempenho de alfabetizados de escolas de financiamento público e particular (classes baixa e média).

Segundo Corrêa (2004), essa etapa diz respeito aos momentos em que o alfabetizando demonstra acreditar em uma total correspondência entre oral e escrito. Concluimos, portanto, que é a partir daí que surgem os erros com apoio na oralidade.

2.4 Principais erros encontrados

Ao iniciar o processo de alfabetização, a criança se depara com um sistema de escrita ortográfica arbitrário, formado por convenções e regras. Deste modo, a compreensão e a aquisição da linguagem escrita não são processos fáceis e o sucesso do estudante muitas vezes não chega a ser alcançado.

Neste capítulo iremos discutir os principais erros encontrados em redações de crianças no início da alfabetização e o motivo do aparecimento desses erros no processo de aquisição da escrita.

Cagliari (1989) apresenta a seguinte classificação para os erros apresentados em seu estudo:

1) Transcrição fonética: são os erros na escrita apoiados na oralidade. Por exemplo: o aluno não escreve *r* por não haver som correspondente em sua fala.

Mulhe (mulher)

Lava (lavar)

2) Uso indevido de letras: o aluno escolhe uma letra possível para representar um som de uma palavra quando a ortografia usa outra letra. Por exemplo,

Brincamdo (brincando)

xata. (chata)

3) Hipercorreção: é quando a criança realiza a generalização de regras ortográficas. Por exemplo: como muitas palavras que terminam com “e” são pronunciadas por “i”, a criança escreve todas as palavras que tem o som de “i” no final com a letra “e”.

Dece (disse)

Lápes (lápis)

4) Modificação da estrutura segmental das palavras: são erros de traça, supressão, acréscimo e inversão de letras que não tem apoio na oralidade e nem nas possibilidades de uso das letras no sistema de escrita.

Voi (foi)

Sosato (susto)

5) Juntura intervocabular e segmentação: palavras que não são seguidas da forma correta.

A gora (agora)

A fundou (afundou)

6) Forma morfológica diferente: variedade dialetal de certas palavras pode dificultar o conhecimento da grafia convencional.

Ni um (em um)

Ta (está)

7) Forma estranha de traçar as letras: às vezes consideramos que existe uma troca de letras numa palavra, mas, na verdade, estamos fazendo uma má interpretação do que foi escrito.

8) Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas: Nomes próprios iniciado com letra minúscula ou nome erroneamente grafado com letra maiúscula, sem estar em começo de frase.

pedro (Pedro) *era um menino levado.*

Comprei uma Bicicleta (bicicleta) *ontem.*

9) Acentos gráficos: Uso inadequado ou ausência de acentos.

Aniversario (Aniversário)

Támbem (Também)

10) Sinais de pontuação: Uso inadequado ou ausência de sinais de pontuação.

O armário estava muito bagunçado Maria chegou em casa e foi arrumá-lo.

11) Problemas sintáticos. Erros sintáticos nas produções.

Os menino foi tudo jogar bola.

Os erros cometidos pela criança fazem parte do processo de apropriação da escrita e inicialmente são produzidos por todos os aprendizes. Sendo assim, à medida que a criança tem mais contato com a escrita e aprendizagem de novos elementos, ela adquire mais conhecimento passando a ter maior domínio da linguagem escrita. Algumas crianças podem apresentar mais dificuldade neste processo de aquisição da leitura e escrita mesmo sendo expostas a elementos que estimulam tal processo. Algumas dessas dificuldades se configuram nos distúrbios de aprendizagem, quando há uma alteração na compreensão do sistema.

3 METODOLOGIA

Para realização deste trabalho foram utilizadas amostras do banco de dados do projeto Elabore (Laboratório Eletrônico de Oralidade e Escrita). O projeto é um empreendimento conjunto entre pesquisadores que atuam em áreas diversas do conhecimento e que necessitam de um conhecimento sólido da organização sonora do português contemporâneo. Os resultados do Projeto oferecem subsídios a pesquisas em diversas áreas do conhecimento, dentre estas: teorias lingüísticas, teorias fonéticas e fonológicas, ensino de fonética e fonologia, organização de banco de dados dentre outras.

3.1 Apresentação do Elabore

O Projeto Elabore, Coep nº 235/08, (Anexos 5 e 6) surgiu a partir da necessidade de possuir dados mais concretos a cerca do desenvolvimento da leitura e escrita de estudantes entre 6 e 12 anos. Esse projeto foi formulado por Thaïs Cristófar-Silva (FALE - UFMG) e desenvolvido em parceria com Leonardo Almeida (DELT – UFMG), Daniela Mara Lima Oliveira Guimarães (FALE – UFMG) e Raquel Márcia Fontes Martins (FALE – UFMG).

O objetivo central do projeto é coletar, cadastrar e disponibilizar para a comunidade científica um banco de dados de material escrito por alunos de escolas de financiamento público e privado. A faixa etária acima citada engloba o período da aquisição/aprendizado da escrita, passando pela fixação e utilização do código escrito, e culminando no uso da escrita na pré-adolescência.

As produções realizadas pelos estudantes estão armazenadas em um banco de dados, que contém informações a respeito do nome, data, de nascimento, gênero e série. Em relação às escolas participantes, os dados coletados dizem respeito ao endereço, tipo de escola (pública ou particular), regional, telefone e pessoal responsável.

Cada produção é identificada através da utilização de 8 dígitos, associado a um código de barras, o que permite a rápida identificação da redação. O sistema de codificação de barras utilizado possui um dígito verificador. Desta forma, os 7 primeiros

dígitos correspondem a um número seqüencial e único da redação. Já o oitavo dígito corresponde ao dígito verificador, calculado a partir dos 7 anteriores. Este cálculo é feito da seguinte forma:

- multiplica-se, alternadamente, por 3 ou por 1, todos os 7 dígitos, da esquerda para a direita. Ex: 0000687_ -> $0 \times 3 = 0$, $0 \times 1 = 0$, ..., $6 \times 3 = 18$, $8 \times 1 = 8$, $7 \times 3 = 21$
- soma-se o resultado das 7 multiplicações. Ex: 0000687_ -> $0 + 0 + \dots + 18 + 8 + 21 = 47$
- do resultado, calcula-se quanto falta para se chegar a um número divisível por 10. Ex: 0000687_ -> $50 - 47 = 3$
- o número calculado acima equivale ao dígito verificador. Portanto, o número final da redação é 00006873.

A implementação do código de barras, propriamente dita, foi realizada com o auxílio de etiquetas [Pimaco](#) modelo A4256, sendo que cada código foi impresso em uma etiqueta particular. Para imprimir corretamente as etiquetas na folha, a equipe do projeto editou um modelo no [latex](#) para facilitar a geração de etiquetas. A partir do modelo, e com um auxílio computacional em linguagem [PHP](#), foram geradas folhas de etiquetas correspondentes às redações.

Todas as redações produzidas pelos alunos que participam do e-Labore são digitalizadas. A frente e o verso de cada uma das redações são escaneados. Sendo assim, toda a produção (textos, desenhos, palavras isoladas, acrósticos, etc) realizada pelos alunos é registrada digitalmente.

Cada redação escaneada tem sua imagem armazenada em um arquivo no formato JPEG. Optou-se por escanear as redações com uma boa resolução. Tal resolução é capaz de garantir que nenhuma informação contida no original seja perdida. Deste modo, as páginas das redações são armazenadas em imagens de 3507x2480 pixels utilizando 24 bits por pixel (Anexo 2).

Todos os textos produzidos pelos alunos que participam do e-Labore são digitados pelos colaboradores do projeto, de modo que todos os desvios encontrados são

identificados e digitalizados diferencialmente através de 7 regras. A versão digitada permite a fácil identificação dos desvios ortográficos cometidos pelos alunos, uma vez que os erros são apontados e a forma correta é colocada juntamente com o erro.

“As regras de digitalização dos erros encontrados nas redações são as seguintes: as palavras grafadas com desvios ortográficos pelos alunos são marcadas por um par de chaves e a forma padrão é apontada entre colchetes **{desvio ortográfico}[forma padrão]**. Além dos símbolos utilizados para apontar desvios ortográficos alguns outros foram criados para apontar diferentes situações. O símbolo *(asterisco), por exemplo, é utilizado quando a palavra escrita é impossível de ser lida com precisão. Já a ausência de palavras que dão sentido ao texto é marcada por **+ [palavra faltando]**. Também utiliza-se o \$(cifrão) para marcar o início e o fim do texto contínuo. O título da redação, falas em balão, poesias e fragmentos de texto fora do texto principal são digitados após o cifrão que marca o fim do texto contínuo. Tal estratégia foi adotada na expectativa de se caracterizar o texto como unidade maior de sentido baseando-se estritamente no registro ortográfico. Contudo, as imagens digitalizadas dos textos permitem aos pesquisadores interessados avaliarem os desenhos e registros externos ao texto propriamente dito (anexo 3).”

O processo de digitação é realizado através da página do projeto na Internet. Os colaboradores recebem um login e uma senha que são utilizados para acessar a interface de envio das redações. Os responsáveis pela digitação das redações passam por um processo de treinamento que busca garantir a uniformidade no processo de digitação. O treinamento começa com uma apresentação das regras. Em seguida, cada colaborador recebe 5 redações, acessa a interface de envio, e digita a redação seguindo o conjunto de regras. Ao final do treinamento, a equipe de coordenação revisa as redações enviadas e discute com os colaboradores as inconsistências e erros cometidos na digitação.

3.2 Coleta de dados

Neste trabalho foram analisadas 120 redações, aleatoriamente selecionadas, de estudantes do segundo e quinto ano do ensino fundamental, sendo que 60 produções são

de escolas de financiamento público e 60 produções são de escolas de financiamento particular.

Os professores receberam instruções para a realização da coleta das produções (em anexo 4).

Após a leitura e análise das produções realizadas foi verificada a ocorrência de alçamento nas produções. As palavras em que o alçamento de vogais esteve presente em posição pré e/ou postônica foram separadas e agrupadas de acordo com o tipo de alçamento encontrado, escola onde foram coletadas as amostras e a série correspondente. As palavras que apresentaram os dois tipos de alçamento foram agrupadas tanto no grupo de alçamento pretônico quanto no grupo de alçamento postônico.

As redações foram divididas em dois grupos e 4 subgrupos assim classificados:

Grupo 1 (G1): Escola de financiamento público

G1 A: Escola de financiamento público do segundo ano do Ensino Fundamental

G1 B: Escola de financiamento público do quinto ano do Ensino Fundamental

Grupo 2 (G2): Escola de financiamento privado

G2A: Escola de financiamento privado do segundo ano do Ensino Fundamental

G2B: Escola de financiamento privado do quinto ano do Ensino Fundamental

3.3 Método de análise dos dados

Foram feitas as seguintes análises:

- Contagem do número de palavras passíveis de alçamento pré e pósônico.
- Contagem do número de alçamentos encontrados.
- Comparação do número total de ocorrência de alçamento entre G1 e G2.

- Comparação entre os subgrupos: G1A, G1B e entre os subgrupos; G2A, G2B, ou seja, comparação entre as séries pertencentes a um mesmo grupo.
- Comparação entre G1A e G2A, G1B e G2B, ou seja, comparação entre as mesmas séries das escolas de ensino público e privado.

Para essa análise, utilizamos o teste de hipóteses aproximado e o de verificação de diferença de duas proporções.

4 RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados encontrados em nosso trabalho estão apresentados em forma de tabelas e gráficos. A distribuição da amostra de acordo com todos os aspectos avaliados encontra-se nas tabelas 1 e 2.

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA QUANTO AOS ALÇAMENTOS PRETÔNICOS E POSTÔNICOS – ESCOLA DE FINANCIAMENTO PÚBLICO

Escola Pública	2º ano	5º ano
	n	N
Alçamentos Pretônicos	6	8
Alçamentos Postônicos	0	1
Total de alçamentos	6	9
Palavras passíveis de Alçamento	432	742
Total de palavras passíveis de alçamento	1174	

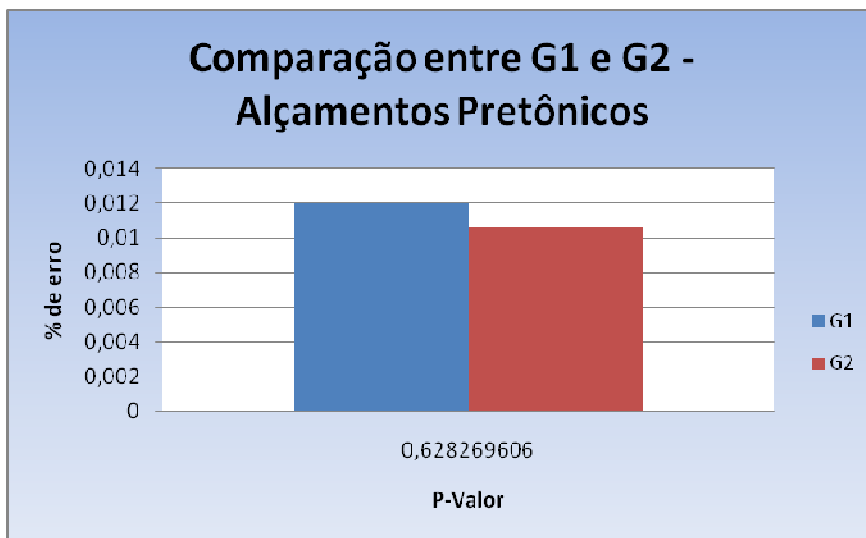
LEGENDA: N – valores absolutos.

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA QUANTO AOS ALÇAMENTOS PRETÔNICOS E POSTÔNICOS – ESCOLA DE FINANCIAMENTO PRIVADO

Escola Privada	2º ano	5º ano
	n	n
Alçamentos Pretônicos	15	3
Alçamentos Postônicos	5	0
Total de alçamentos	20	3
Palavras passíveis de Alçamento	857	840
Total de palavras passíveis de alçamento	1697	

LEGENDA: N – valores absolutos.

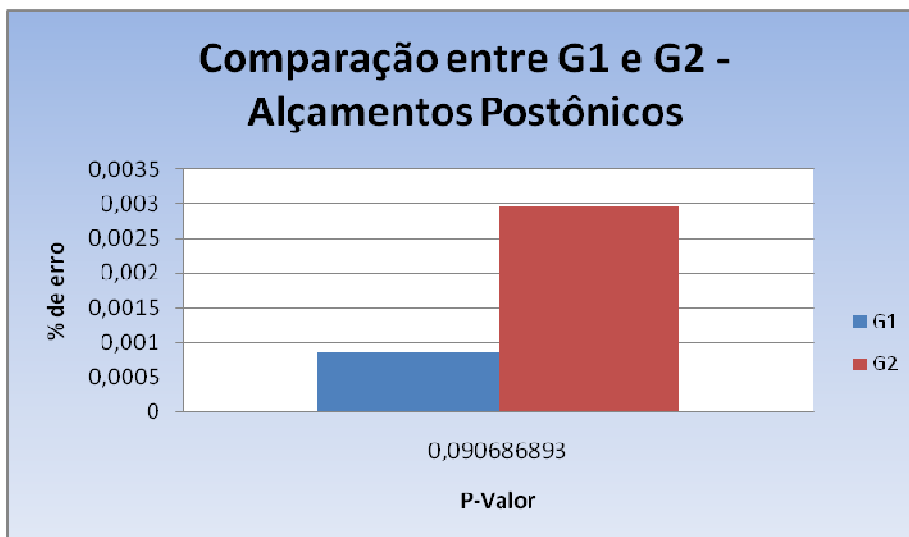
GRÁFICO 1 - COMPARAÇÃO ENTRE OS VALORES DE TOTAL DE ALÇAMENTOS *PRETÔNICOS* ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES.



Valor de $P = 0,10$

Legenda: G1- Escola de financiamento público
G2- Escola de financiamento privado

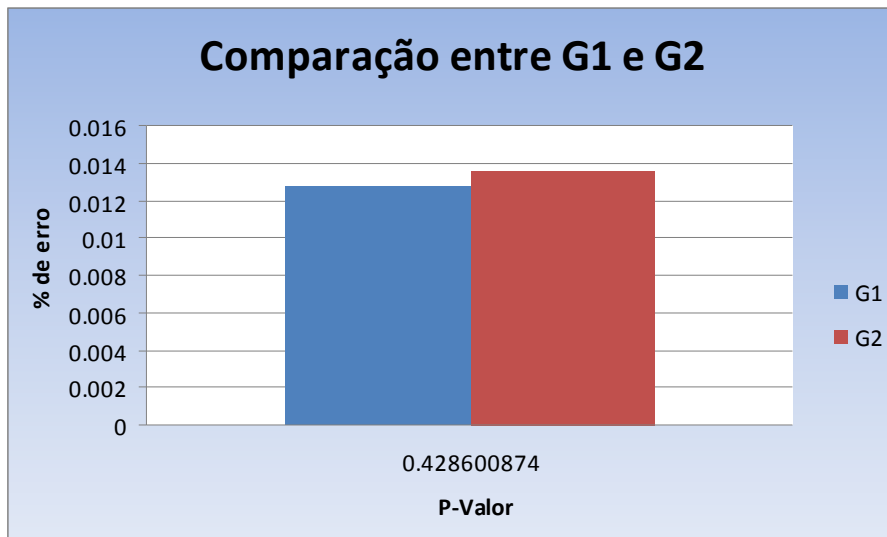
FIGURA 2- COMPARAÇÃO ENTRE OS VALORES DE TOTAL DE ALÇAMENTOS *POSTÔNICOS* ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES.



Valor de $P = 0,10$

Legenda: G1- Escola de financiamento público
G2- Escola de financiamento privado

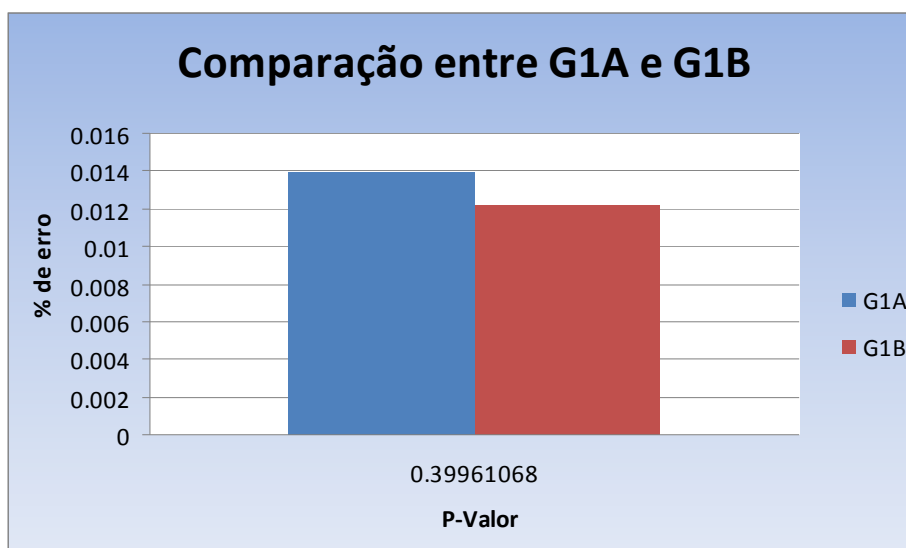
FIGURA 3- COMPARAÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIA DE ALÇAMENTO ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS



Valor de $P = 0,10$

Legenda: G1- Escola de financiamento público
G2- Escola de financiamento privado

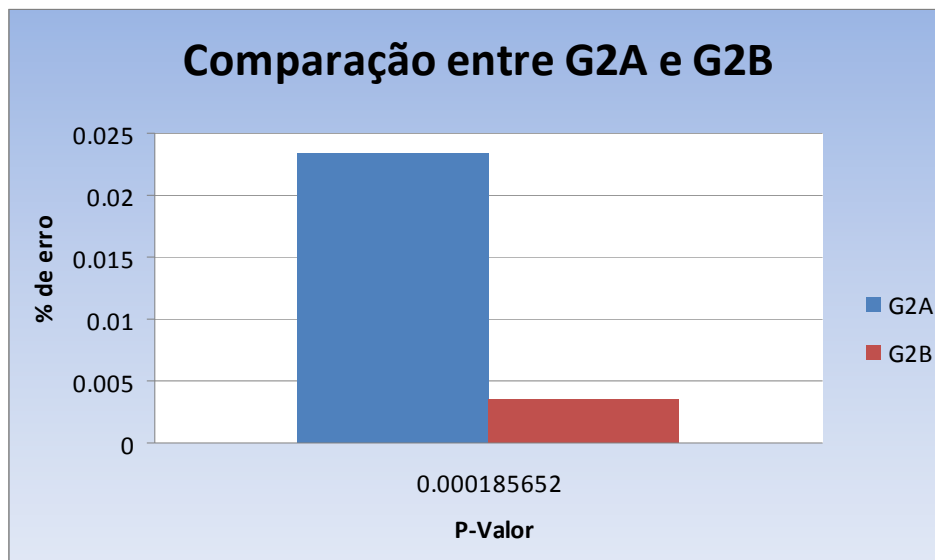
FIGURA 4 - COMPARAÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIA DE ALÇAMENTO ENTRE O 2º E O 5º ANO DE ESCOLA PÚBLICA.



Valor de $P = 0,10$

Legenda: G1A- 2º ano de escola de financiamento público
G1B- 5º ano de escola de financiamento público

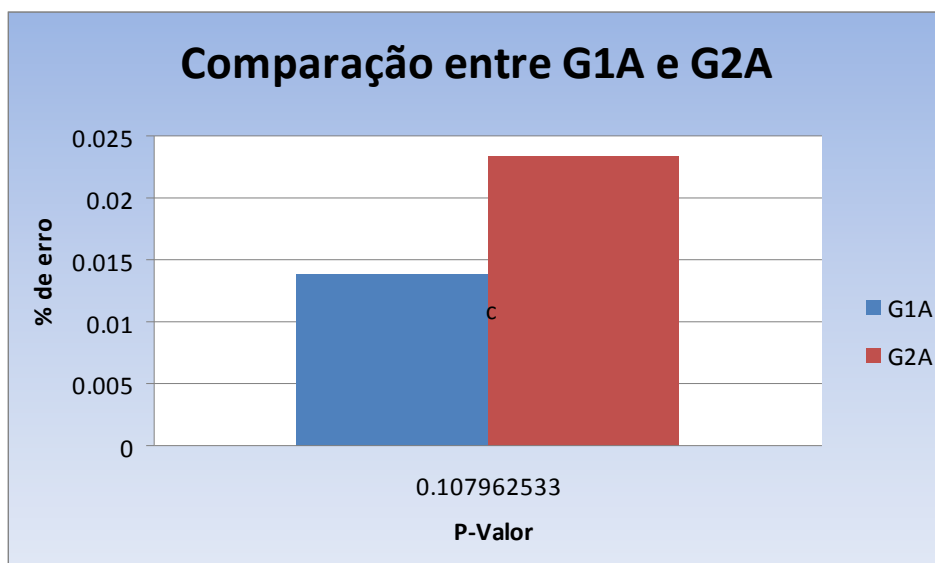
FIGURA 5 - COMPARAÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIA DE ALÇAMENTO ENTRE O 2º E O 5º ANO DE ESCOLA DE FINANCIAMENTO PRIVADO



Valor de $P = 0,10$

Legenda: **G1A**- 2º ano de escola de financiamento privado
G1B- 5º ano de escola de financiamento privado

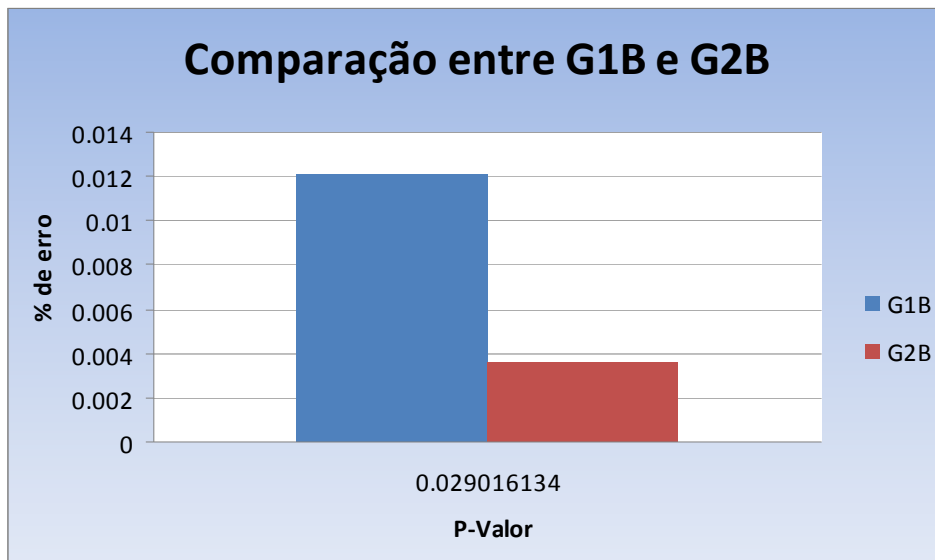
FIGURA 6 - COMPARAÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIA DE ALÇAMENTO ENTRE O 2º ANO DE ESCOLA DE FINANCIAMENTO PÚBLICO E O 2º ANO DE ESCOLA DE FINANCIAMENTO PRIVADO.



Valor de $P = 0,10$

Legenda: **G1A**- 2º ano de escola de financiamento público
G2A- 2º ano de escola de financiamento privado

FIGURA 7 - COMPARAÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE OCORRÊNCIA DE ALÇAMENTO ENTRE O 5º ANO DE ESCOLA DE FINANCIAMENTO PÚBLICO E A MESMA SÉRIE DE ESCOLA DE FINANCIAMENTO PRIVADO.



Valor de $P = 0,10$

Legenda: G1B- 5º ano de escola de financiamento público

G2B- 5º ano de escola de financiamento privado

5 DISCUSSÃO

No presente capítulo os achados do estudo são discutidos e confrontados com a literatura pesquisada.

A distribuição da amostra quanto aos alçamentos pretônicos e postônicos de escola de financiamento público foram representados na tabela 1. Foram analisadas 30 redações feitas por alunos de 2º ano e encontrados 6 ocorrências pretônicas e não houve registro de alçamento postônico, sendo que 432 palavras eram passíveis de alçamento. Já no 5º ano foram encontradas 8 ocorrências de alçamentos pretônicos e 1 de postônicos, no qual 742 palavras eram passíveis de alçamento.

A distribuição da amostra quanto aos alçamentos pretônicos e postônicos de escola de financiamento privado foi representada na tabela 2. Foram analisadas 30 redações feitas por alunos de 2º ano e encontrados 15 e 5 ocorrências pretônicos e postônicos respectivamente, sendo que 857 palavras eram passíveis de alçamento. Já no 5º ano foram encontradas 3 ocorrências de alçamentos pretônicos e nenhuma ocorrência em posição postônica, no qual 840 palavras eram passíveis de alçamento.

O número total de realizações de alçamentos pré e postônicos e a comparação do mesmo entre escolas de financiamento público e privado estão representados nas figuras 1 e 2. A discussão sobre a ocorrência de alçamentos tem se restringido ao fenômeno pretônico por autores como Bisol (1982), Viegas (1987), Bortini et al (1992) e Oliveira (1992), não havendo, portanto, achados na literatura que confrontem a transcrição por parte dos dois tipos de alçamento.

Alvarenga et al (1989) e Tasca (2003) discorrem sobre a influência da questão socioeconômica no desempenho gráfico de estudantes de séries iniciais. Nossos achados corroboraram com a literatura e encontramos que estudantes do 5º ano do ensino privado realizaram menor número de alçamentos quando comparados com estudantes da mesma série do ensino público como representado na figura 7. Porém, quando comparamos os achados do número total de alçamentos, dados estatisticamente não significantes, (figura 3) e dados do 2º ano de escolas de financiamento público e privado (figura 6), verificamos que as crianças de escola pública realizam número menor de alçamentos que crianças da

mesma série do ensino privado. Tal dado discorda com os achados da literatura. Uma hipótese para esses achados é a metodologia de ensino aplicada nas escolas.

De acordo com os estudos de Miranda (2009), Tasca (2003) e Mollica (1998), a prática de leitura e escrita, ou seja, o acesso à informação gráfica favorece o conhecimento lingüístico. Nossos achados corroboraram com esses estudos, pois verificamos que nas escolas de financiamento privado houve redução na proporção de alçamentos das produções do 5° ano em relação ao 2° ano (figura 5). A mesma comparação realizada com escola de financiamento público não obteve valor de p estatisticamente significativa (figura 4). Vale observar que houve uma discreta queda na ocorrência de alçamento no 5° ano público.

É importante ressaltar a escassez de pesquisas que investigam a ocorrência de alçamento entre as primeiras séries do ensino básico que utilizem redações como banco de dados.

6 CONCLUSÃO

A partir de nossos achados, podemos concluir que o alçamento de vogais é um fenômeno decorrente do processo de alfabetização e que o mesmo tende a ser resolvido pela própria criança. A prática da leitura e escrita e o acesso a informações gráficas possibilitam a maturação e o melhor domínio lingüístico por parte da criança.

O alçamento é uma alteração ortográfica, sendo, portanto, resolvido com auxílio pedagógico, dando à criança apoio necessário para compreensão e absorção dessas regras ortográficas.

Na nossa prática fonoaudiológica, devemos ficar atentos aos testes de fala e às avaliações de leitura e escrita, pois o alçamento de vogais é um fator cultural podendo ser considerado de alcance pedagógico, e não como de alcance fonoaudiológico.

É importante ressaltar a necessidade de novos estudos que utilizem banco de dados com produções escritas de diferentes regiões do país, que investiguem quantitativamente a transcrição de alçamentos em produções textuais de crianças no processo de alfabetização, pois dessa forma será possível conhecer o que é natural do processo e o que é desvio, para melhor atuação pedagógica ou fonoaudiológica.

7 Anexos

Anexo 1

TABELA 1 - TAXAS DO RENDIMENTO ESCOLAR DE 1 A 5 SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL

Tabela 8A. Taxas de Rendimento do Diurno - Rede Municipal										
Fase/Nível		Taxa Aprovação			Taxa Reprovação			Taxa Abandono		
		Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
1ª série / 2º ano do EF	2001	99,1	-	99,1	0,0	-	0,0	0,9	-	0,9
	2005	97,8	-	97,8	1,6	-	1,6	0,6	-	0,6
	2007	94,2	-	94,2	3,8	-	3,8	2,0	-	2,0
2ª série / 3º ano do EF	2001	99,2	-	99,2	0,0	-	0,0	0,8	-	0,8
	2005	90,5	-	90,5	9,1	-	9,1	0,4	-	0,4
	2007	82,3	-	82,3	15,9	-	15,9	1,8	-	1,8
3ª série / 4º ano do EF	2001	99,7	-	99,7	0,0	-	0,0	0,3	-	0,3
	2005	97,7	-	97,7	2,0	-	2,0	0,3	-	0,3
	2007	94,5	-	94,5	3,7	-	3,7	1,8	-	1,8
4ª série / 5º ano do EF	2001	99,7	-	99,7	0,0	-	0,0	0,3	-	0,3
	2005	98,2	-	98,2	1,6	-	1,6	0,2	-	0,2
	2007	93,8	-	93,8	4,3	-	4,3	1,9	-	1,9

Fonte: Ministério da Educação

Anexo 2



Nome: [REDACTED]

Data de Nascimento: 18/03/1994

O Natal que não termina

No dia do natal eu me espreguei com meus de 11 anos e tentei fazer
carrocinha de canchico para mim. Também fiz um carrocinha de canchico
e depois estava contando meus carrinhos dentro de um bucinha com o nome de
carrocinha e fizemos para o aniversário da minha mãe.

A minha mãe me deu o presente de carrocinha de WHEELS

A minha mãe me deu um presente com um carrocinha de canchico
meu presente.

No dia seguinte fiquei muito contente e assim



Campo 1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 4	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 7	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 10	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
Campo 2	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 5	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 8	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 11	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Campo 3	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 6	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 9	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Campo 12	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Anexo 3

O {Natal}[natal] que não termina
\$No dia do natal eu +[e] os {mespremos}[meus primos] menores de 11 anos entramos
numa
caverna desconhecida {purali}[por ali] {nos}[nós] tínhamos * muitos {mocegos}[morcegos]
{ma}[na] hora que
{agente}[a gente] estava {voutando}[voltando] nós {caímos}[caímos] dentro de
{umburaco}[um buraco] nós demos conta de
{sais}[sair] da caverna e fomos para o {sitio}[sítio] da minha vó.

A {mímha}[minha] dinha me deu * * do povo da {HOT-WEELS}[Hot Weels].

A minha {Mãe}[mãe] me deu um {eskte}[skate] um ovo para tacar na cara do
meu primo.

No dia {segunto}[seguinte] * * e amei\$

Anexo 4



Projeto e-Labore: Laboratório Eletrônico de Oralidade e Escrita

Coordenadora: Profa. Thaís Cristófaros Silva

Faculdade de Letras – UFMG – sala 3104

Av Antônio Carlos 6627, Campus da Pampulha

Belo Horizonte, MG, 31.270-901

Telefone: (031) 3409-6025, email: thaiscristofarosilva@ufmg.br

Instruções para professores – Coleta de Escrita

1. Informe aos alunos que eles farão uma produção de texto para uma pesquisa que tem por objetivo conhecer o português escrito das crianças e jovens das escolas de Belo Horizonte.
2. O/a professor/a deverá indicar um tema específico para a produção de texto e anotar tal tema na folha de registro de dados da professora que se encontra em anexo.
3. Informe aos alunos que eles **NÃO SERÃO AVALIADOS**, mas que a produção de texto tem por objetivo apenas a coleta de dados para a pesquisa.
4. A atividade de produção de texto deve ter a duração normal e regular das atividades de produção de texto com a qual a turma está acostumada.
5. O/a aluno/a pode fazer uso de lápis ou caneta e também de borracha ou corretivo. Se o aluno quiser, pode ilustrar o seu texto após ter concluído a escrita.
6. Não há limite do tamanho da produção de texto. Se necessário diga ao aluno que utilize o verso da folha. O/a aluno/a deve escrever o mais espontaneamente possível.
7. Os alunos que dispuserem de tempo podem revisar os seus textos.

Anexo 5

FORMULÁRIO DE CADASTRO	
Solicitação para uso do Banco de dados do Projeto e-Labore	
Nome completo	Barbara Andrade Marra
Endereço	Rua Rafael José Silva, 151, Bairro Ouro Preto/ Belo Horizonte
Telefones	(31)88268429/(31)34984207
E-mails	ba.marra@gmail.com / eparlato@hotmail.com
CPF	087.121.418-40
Nº. Carteira de Identidade <small>órgão expedidor/data de emissão em:</small>	MG 10264706 SSP
Instituição de vínculo	Faculdade de Medicina UFMG
Título do projeto	Influência da oralidade na escrita: Alçamento de vogais pretônicas e postônicas.
Coordenador	Erika Maria Parlato de Oliveira
Grau de instrução do Coordenador do Projeto	Doutora
Outros participantes (se houver, apresentar dados e função no projeto)	Subcoordenadora: Thais Cristóvão Silva
Objetivo(s) do projeto	O objetivo do projeto é quantificar e analisar possíveis alçamentos pretônico e postônico de 120 redações de alunos do 2º e 5º ano do ensino fundamental, produzidas por crianças de escolas de financiamento público e privado.
Justificativa	A escrita ortográfica possui como característica o fato de ser arbitrária e não possuir uma relação grafema-fonema exata, o que dificulta o processo de aprendizagem sendo responsável muitas vezes pelo insucesso e evasão escolar de alguns estudantes. Assim, compreendendo a importância do processo de alfabetização e as possíveis dificuldades encontradas durante o mesmo, este trabalho foi elaborado a fim de investigar a interferência da oralidade na escrita. Conhecendo melhor o problema, será possível uma intervenção pedagógica mais eficaz que possa corroborar para a melhoria do ensino e sua otimização.
Período de execução do projeto	O projeto terá duração de um semestre (1º semestre de 2009).
Resultados esperados	Nesta pesquisa pretendemos encontrar maior número de alçamento pretônico e postônico na 1ª e 2ª séries do ensino fundamental.
Declaro, para os devidos fins, que envidarei esforços para cumprir todos os requisitos necessários e solicitados pelos Comitês de Ética em Pesquisa para o desenvolvimento da pesquisa a ser desenvolvida por mim com material do Banco de Dados e-Labore. Declaro que utilizarei os dados única e exclusivamente para o propósito apresentado nesta solicitação, cuja versão completa anexe a esta solicitação.	
Data da solicitação	17 de março de 2009
Assinatura	<i>Erika Maria Parlato de Oliveira</i>
No registro no COEP/UFMG: Data de aprovação: <small>(Fornecer após a aprovação)</small>	ETIC 235/08 em 13/03/2009
Assinatura de acordo da coordenação do Projeto e-Labore/ data	<i>Thais Cristóvão</i>

Anexo 6

FORMULÁRIO DE CADASTRO	
Solicitação para uso do Banco de dados do Projeto e-Labore	
Nome completo	Aline Domingues Moraes
Endereço	Av. Fleming, nº 671, Apto 204, Bl 3, Bairro Ouro Preto
Telefones	(31)88137390 / (31)33182740
E-mails	aline_morais@yahoo.com.br / epariato@hotmail.com
CPF	067.421.636-90
N ^o Carteira de Identidade <small>órgão expedidor/data de emissão em:</small>	MG 11367716 SSP
Instituição de vínculo	Faculdade de Medicina UFMG
Título do projeto	Influência da oralidade na escrita: Alçamento de vogais pretônicas e postônicas.
Coordenador	Erika Maria Parlato de Oliveira
Grau de instrução do Coordenador do Projeto	Doutora
Outros participantes <small>(se houver, apresentar dados e função no projeto)</small>	Subcoordenadora: Thais Cristóvão Silva
Objetivo(s) do projeto	O objetivo do projeto é quantificar e analisar possíveis alçamentos pretônico e postônico de 120 redações de alunos do 2 ^o e 5 ^o ano do ensino fundamental, produzidas por crianças de escolas de financiamento público e privado.
Justificativa	A escrita ortográfica possui como característica o fato de ser arbitrária e não possuir uma relação grafema-fonema exata, o que dificulta o processo de aprendizagem sendo responsável muitas vezes pelo insucesso e evasão escolar de alguns estudantes. Assim, compreendendo a importância do processo de alfabetização e as possíveis dificuldades encontradas durante o mesmo, este trabalho foi elaborado a fim de investigar a interferência da oralidade na escrita. Conhecendo melhor o problema, será possível uma intervenção pedagógica mais eficaz que possa corroborar para a melhoria do ensino e sua otimização.
Período de execução do projeto	O projeto terá duração de um semestre (1 ^o semestre de 2009).
Resultados esperados	Nesta pesquisa pretendemos encontrar maior número de alçamento pretônico e postônico na 1 ^a e 2 ^a séries do ensino fundamental.
Declaro, para os devidos fins, que emvidarei esforços para cumprir todos os requisitos necessários e solicitados pelos Comitês de Ética em Pesquisa para o desenvolvimento da pesquisa a ser desenvolvida por mim com material do Banco de Dados e-Labore. Declaro que utilizarei os dados única e exclusivamente para o propósito apresentado nesta solicitação, cuja versão completa anexe a esta solicitação.	
Data da solicitação	17 de março de 2009
Assinatura	<i>E. Parlato - Oliveira</i>
No registro no COEP/UFMG: Data de aprovação: <small>(Fornecer após a aprovação)</small>	ETIC 235/08 13/03/2009
Assinatura de acordo da coordenação do Projeto e-Labore/ data	<i>Thais Cristóvão Silva</i>

8 REFERÊNCIAS

Abaurre, MBM. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. Porto Alegre: EDIPUCRS; 1999. p. 167-186.

Alegria J, Mousty, P. The development of spelling procedures in French speaking, normal and readingdisabled children: effects os frequency and lexicality. Journal of exceptional children. 1996; v. 63, p. 312-338.

Alvarenga D, Nascimento M, Nicolau E, Oliveira MA, Soares MB. Da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita- uma análise lingüística do processo de alfabetização. Caderno de Estudos lingüísticos, Campinas (16): 05-30, jan/jun 1989.

Bisol L. Harmonização vocálica: uma regra variável [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1981.

Bortoni, SM et al. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?. Revista Estudos da Linguagem; 1992. n. 1, p. 9-30.

Braibant, JM. A decodificação e a compreensão: dois componentes essenciais da leitura no 2o. ano primário. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997. p. 166-187.

Cagliari LC. A escrita. In: Cagliari LC. Alfabetização e lingüística. 9ª ed. São Paulo: Scipione; 1996. p. 96-146.

Cagliari LC. Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Edição do autor; 1997. p. 87-117.

Cagliari LC. Alfabetizando sem o BA-BE-BI-BO-BU. São Paulo: Scipione; 1999. p. 399.

Carraher, TN. Explorações sobre o desenvolvimento da Ortografia em português. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação; 1990.

Corrêa, MLG. O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes; 2004.

E-labore- Laboratório eletrônico de oralidade escrita [sítio na internet]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/elabore/index.php>>

Ely R, Gleason B. Socialization across contexts. The handbook of child language. Oxford; 1996. p. 251-270.

Garton AF. Social interaction and the development of language and cognition. USA: lawrence erlbaum;1992.

Lemle, M. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática; 1995.

Lemos, FAP. Interferência da oralidade na escrita: o caso do registro ortográfico do “e, i, o, u” átonos [dissertação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2001.

Miranda, ARM. As vogais pretônicas do português na aquisição da escrita. [Apresentado no PROBRAVO- II SIS vogais. 21 a 23 de maio de 2009. Belo Horizonte]

Mollica, MC. Influência da fala na alfabetização. Rio de Janeiro; 1998.

Oliveira, MA. The neogrammarian controversy revisited. International Journal of the sociology of language. Berlin; 1991. v. 89, p. 93-105.

Perfetti, CA. A capacidade para a leitura – As capacidades intelectuais humanas. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992. p. 72-96.

Santos, MTM; Navas, AL. Distúrbios de leitura e escrita - teoria e prática. São Paulo: Manole; 2002.

Silva, TC. Fonética e fonologia do português de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto; 1999. p. 78-90.

Soares, MB. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista brasileira de Educação; 2004. v.25.

Tasca, M. Interferência da língua falada na escritas das séries iniciais. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2003.

Varella, N. Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da aquisição da fala? [dissertação]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 1993.

Viegas, MC. Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística [dissertação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 1987.

Zorzi JL. Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artmed; 1998.

9 Abstract

Introduction In clinical speech notes that standardized tests of analysis of speech and writing do not consider regionalisms in the speech of children (such as the phenomenon of raising of final and pretonic vowels in the dialect belo horizontino), leading to false positives. understanding the importance of the literacy process and the possible difficulties encountered during the same, this work was prepared to investigate the interference of orality in writing. **Objective** To investigate the influence of orality in writing. **Methodology** 120 essays were analyzed, of which 60 are products from public schools and 60 productions are from particular schools. after reading and analysis of products was carried out to verify the occurrence of raising productions. the words that raising was present in position before and / or poston were separated and grouped according to type of raising, type of school where the samples were collected and the corresponding series. **Conclusion** From our findings we can conclude that the raising is a phenomenon arising from the process of literacy and that it tends to be resolved by the child. the practice of reading and writing and access to graphical information and better enable the maturing field of language by children. it is important to emphasize the need for further research using a database with products written in various regions of the country, to investigate quantitatively the transcription of raising in textual productions of children in the literacy process, because that way you can know what is natural process and it is diverting to better educational performance or speech.

Bibliografia Consultada

Rother ET, Braga MER. Como elaborar sua tese: estrutura e referências. 2a ed. rev. e ampl. São Paulo: Edição do Autor; 2005.